

Resenha

Por uma nova Odisseia dos *Grundrisse*

Gabriel M. J. P. Machado*

MUSTO, Marcello (Org.). O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse*. Trad. Ana Clara Presciliano, Eleutério Prado, Marisa Amaral e Pedro Gava. Belo Horizonte: Autêntica, 2026. 379 p.

O livro recém-publicado pela Editora Autêntica supre uma lacuna editorial significativa e, ao fazê-lo, entrega ao público lusófono uma poderosa contribuição para o aprofundamento dos debates de rigor acerca dos *Grundrisse*. A obra organizada por Musto materializa um esforço homérico de síntese tanto da posição singular ocupada pelos *Grundrisse* no itinerário intelectual marxiano quanto da tortuosa, trágica, mas não menos inspiradora história de luta pela publicação e difusão a nível global dessa obra incontornável. Ademais, e isto não é pouco, o leitor rapidamente poderá constatar nas páginas da obra organizada por Musto o caráter cosmopolita e coletivo que necessariamente deve caracterizar toda teoria marxista que leve a sério sua missão histórica de ser revolucionária.

A coletânea divide-se em partes I e II, a primeira delas voltada à produção teórica marxiana *ao tempo* da elaboração dos *Grundrisse*, a segunda ao processo de tradução, publicação e recepção internacional dos manuscritos. Antecede-lhes, contudo, acurado prefácio e valiosa introdução sobre o itinerário marxiano anterior aos *Grundrisse*.

O “Prefácio” de Eric Hobsbawm, historiador marxista que dispensa maior apresentação, assinala as mais expressivas peculiaridades da história de publicação dos *Grundrisse*, adequadamente alcunhada como uma verdadeira *Odisseia* (HOBSBAWM, 2026, p. 9): em primeiro lugar, trata-se do “único exemplo de um conjunto significativo dos escritos maduros de Marx que, na prática, permaneceram

* Doutorando e mestre em direito e graduando em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: muller_machado@hotmail.com.

inteiramente desconhecidos dos marxistas por mais de meio século após sua morte” e “quase completamente inacessíveis” por um século inteiro (HOBSBAWM, 2026, p. 9). Disso decorre a segunda peculiaridade, as condições extremamente refratárias a uma leitura rigorosa nas quais tais manuscritos foram pela primeira vez integralmente publicados (1939 e 1941, em dois tomos), com o ápice da repressão e da censura stalinistas e na aurora da II Guerra Mundial. Em terceiro lugar, tem-se a “prolongada incerteza quanto ao estatuto dos manuscritos de 1857-58”, especialmente no que respeita à “natureza exata de sua relação com os três volumes de *O capital*” (HOBSBAWM, 2026, p. 9), questão decisiva e candente até os dias de hoje.

Quanto à recepção, o pensador britânico sublinha o “potencial para a heterodoxia” que o manuscrito marxiano trouxe consigo ao ganhar maior difusão após a crise soviética de 1956. Nesse aspecto, o longo ineditismo da obra e a consequente ausência de uma interpretação oficial fossilizada contribuíram para que os *Grundrisse* ganhassem *status* de referência teórica central aos elementos sociais que visavam “libertar o marxismo da camisa de força da ortodoxia soviética” (HOBSBAWM, 2026, p. 9). Embora se possa impugnar o arremate de Hobsbawm de que “os *Grundrisse* representam o pensamento de Marx em seu ponto mais rico” (HOBSBAWM, 2026, p. 15), face às não poucas conquistas científicas do filósofo renano na década seguinte no campo da crítica da economia política (DEUS, 2010), há de se reconhecer que a referida obra traz reflexões marxianas que não reaparecem com idêntico enfoque e tonalidade em outro momento de seu itinerário, e pode ser, de fato, um fecundíssimo manancial para a tradição marxista.

A conscienciosa “Introdução” de Marcello Musto, por sua vez, conduz o leitor por veredas ainda hoje muito pouco visitadas, a saber, os primeiros desenvolvimentos da crítica marxiana da economia política. Ao passo que a crítica da economia política fora cronologicamente apenas a última das três críticas ontológicas a partir das quais Marx instaurou um pensamento com estatura e natureza próprias (CHASIN, 2009), antecedida que fora pelas críticas da *política* e da *filosofia especulativa*, é também correta a asserção de Musto de que já a partir do desenvolvimento inicial da crítica da economia política “suas investigações, até então de caráter predominantemente filosófico, político e histórico, voltaram-se para essa nova disciplina, que se tornou o foco de suas pesquisas e preocupações científicas, delimitando um novo horizonte que nunca mais foi abandonado” (MUSTO, 2026, p. 26). Musto o comprova convincentemente com um sobrevoo pelo conteúdo dos inúmeros e volumosos *Cadernos* de estudo de Marx ao longo dos 13 anos que sucederam seu contato com o “genial esboço” de Engels (MARX, 2024, p. 26) até a redação dos *Grundrisse* (1857-

58), e por outras obras publicadas em vida e que tiveram na crítica da economia política sua espinha dorsal, como *A sagrada família* (1845), *Miséria da filosofia* (1847), *Nova Gazeta Renana* (1848-9), *Nova Gazeta Renana – Revue* (1850), *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852) e muitos dos artigos publicados no *New York Tribune* (1851-62). Em verdade, tem-se uma dimensão da grandiosidade da empreitada assumida por Marx ao tomarmos conhecimento de que o prospecto de escrever uma *Economia*, que posteriormente receberia o nome de *Crítica da economia política* e, ao cabo, de *O capital: crítica da economia política*, fora feito por Marx desde 1844, tendo assinado acordo editorial para publicá-la já no ano seguinte, ao passo que, muito contrariamente à expectativa inicial, mesmo as quatro décadas de esforço vital hercúleo que se seguiram provaram-se insuficientes para concluir tal trabalho teórico até mesmo para um gênio da estatura de Marx.

O leitor mais familiarizado com o itinerário intelectual marxiano observará com razão que Marx jamais abandona as críticas da política e da filosofia especulativa, presentes até mesmo em *O capital* (2021, p. 139), na *Crítica do Programa de Gotha* (1875) e noutras obras de inquestionável maturidade (cf.; MUSETTI, 2022; SARTORI, 2025; DEUS, 2012), mas a crítica da economia política de fato adquire protagonismo em suas investigações e publicações, ao passo que também retroage sobre aquelas primeiras críticas, enriquecendo-as, ao mostrar com cada vez mais precisão categorial a base real, anatômica, das inversões sociais que são *espelhadas* de modo unilateral tanto pela política quanto pela filosofia especulativa. Os *Grundrisse*, dado seu caráter mais indistinto entre pesquisa e exposição, inevitável em um *esboço*, são objeto privilegiado para observar a imbricação de tais críticas de modo mais evidente.

A Parte I da coletânea, com três artigos, é inaugurada pelo texto “A vida de Marx durante a elaboração dos *Grundrisse*”, de Marcello Musto. O pensador italiano tem o grande mérito, nítido também em suas outras obras sobre Marx (2018; 2022; 2023), de explicitar com rara competência o homem por trás do teórico, do revolucionário e mesmo da imagem titânica que o futuro lhe impôs. Descobrimos, a contrapelo da bruma mitológica, a figura humana: as humilhações diante da pobreza extrema, as muitas enfermidades que acompanharam e não raro interromperam seus estudos, a angústia diante das recorrentes tragédias familiares, a relação indissociável com a esposa e as filhas, a força e a beleza da amizade com Engels... Ademais, há também um interesse teórico mais direto na compreensão cuidadosa destes elementos por assim dizer mais biográficos de Marx, na medida em que através deles, sobretudo pelo legado das correspondências marxianas, descobrimos também quais eram as impressões e expectativas pessoais do revolucionário alemão diante da nascente crise

de 1857, a primeira crise mundial, que o levou a interromper 13 anos de pesquisas para enfim tentar colocar sobre o papel, pela primeira vez, sua projetada *Economia*.

Musto pontua como tanto Marx quanto Engels enxergavam a crise que iniciara em 1857 como algo que viria a assumir proporções catastróficas e duradouras em termos econômicos, e que traria consequências políticas igualmente grandiosas, com a deflagração de processos revolucionários por toda a Europa após uma década de marasmo contrarrevolucionário. Importa lembrar que os *Grundrisse* foram escritos precisamente *durante* o período de duração da crise de 1857-58, sob o espírito de tão elevadas expectativas, as quais, entretanto, não se concretizaram: a economia capitalista teve uma rápida recuperação a partir de meados de 1858, e nenhuma movimentação revolucionária sequer esboçou vir à luz neste interregno. Assim, talvez fosse dado ao leitor, a partir do texto de Musto, refletir: até que ponto o caráter mais instigante dos *Grundrisse*, o charme que até hoje lhe granjeia muitos adeptos entusiasmados, tem débito com tais expectativas marxianas a respeito da crise de 1857 e de uma conseqüente abertura para uma revolução imediata? Se é um fato que tais expectativas foram em boa medida desmentidas pela realidade e posteriormente a relação entre crise e revolução foi revista e muito nuançada pelo próprio Marx (MUSTO, 2023), talvez tal questão carregue algum interesse científico.

No segundo número da Parte I consta o artigo de Michael R. Krätke, “Marx jornalista da primeira crise econômica mundial”. Levanta-se, aqui, uma tese extremamente instigante, particularmente para aqueles que visam a um efetivo renascimento do marxismo (LUKÁCS, 2020): em sua atuação como jornalista, a qual se estendeu com relativa continuidade por ao menos duas décadas, Marx teria tratado “extensivamente de tópicos que não tocou em seus grandes manuscritos” (KRÄTKE, 2026a, p. 100). Desse modo, tais artigos jornalísticos constituiriam “fontes de primeira grandeza, indispensáveis para todos aqueles que desejam estudar seriamente a teoria política de Marx” (KRÄTKE, 2026a, p. 101). Que não faça sentido falar de uma “teoria política” em Marx, sim em uma *crítica da política*, como se aduziu acima, é algo que não diminui a relevância e a riqueza da hipótese de Krätke. Com efeito, pode-se encontrar em tal produção jornalística um exemplo de elo mediador que com frequência falta mesmo aos bons marxistas que tomam como referência os três livros d’*O capital*, já que estes últimos, mesmo em seu nível mais concreto de análise (isto é, no Livro III), ainda estão em nível bem mais abstrato do que o nível de concretude de um texto jornalístico. Este se aproxima muito mais da empiria e, no limite, deve ser o tipo de análise que todo marxista deve almejar ser capaz de realizar, em vistas a conseguir responder o *que fazer no aqui e agora*, em vez de fornecer respostas

abstratas que não de tomar, necessariamente, o caráter fraseológico de fórmulas prontas. Tendo em conta os artigos de Marx publicados em 1858-9 acerca da crise de 1857-58, Krätke explicita como, para Marx, as crises não são acidentais, contingentes, mas “momentos do ciclo de vida do capital” (KRÄTKE, 2026a, p. 109).

Terceiro número da Parte I, também da lavra de Krätke, “Marx e a redação dos *Cadernos da crise de 1857-58*” remete à profundidade e amplitude dos estudos marxianos sobre tal crise e, com toda razão, pontua o equívoco da “imagem convencional de Marx estudando primordialmente a *Ciência da lógica* de Hegel enquanto escrevia os *Grundrisse*” (KRÄTKE, 2026b, p. 112). Tal imagem, que fez escola entre uma cepa significativa de marxistas ao menos desde a década de 1970, com a “Nova leitura de Marx” (sobretudo nas figuras de H. Backhaus e H. Reichelt), na medida em que estes conferem certa primazia e autonomia ao modo de *exposição*, com frequência obscurece a natureza e o teor exatos do cerne da *investigação* marxiana (ALVES, 2013), que não se movia por qualquer tipo de analogia ou homologia com a *Lógica* hegeliana, mas sim buscava, neste caso específico, “a explicação racional do fenômeno das crises cíclicas modernas, que Marx considerava parte indispensável de sua crítica sistemática da economia política” (KRÄTKE, 2026b, p. 112). O inédito caráter mundial da crise de 1857-58 também obrigou o filósofo alemão a ampliar o escopo e a escala de suas pesquisas “para abarcar todas as partes do mercado mundial” (KRÄTKE, 2026a, p. 120), fato que também compõe a explicação da dificuldade imposta a Marx para finalizar seu plano da *Crítica da economia política*: o próprio objeto a ser criticado estava em processo de substancial metamorfose em seu movimento expansivo de entificação a nível mundial.

A Parte II da coletânea, recordamos, centra-se no processo de tradução, publicação e recepção dos manuscritos em escala mundial. As discussões mais teóricas cedem espaço a uma discussão mais historiográfica a respeito das agruras particulares enfrentadas pelos *Grundrisse* em sua *Odisseia* mundial para vir à luz em cada país e, com isso, suscitar os primeiros debates acerca de seu conteúdo. Como dirá Musto no artigo que inaugura esta Parte II, não há exagero em falar em “100 anos de solidão” desta peça singular do itinerário marxiano, uma vez que apenas em 1953 recebeu uma reimpressão que possibilitou uma difusão minimamente significativa.

Os artigos que se seguem narram em graus variados de detalhamento a história da recepção dos *Grundrisse* em todos os países nos quais o manuscrito foi integralmente traduzido. Em nome da concisão, pontuam-se apenas alusivamente alguns daqueles mais representativos do caráter geral da recepção mundial dessa obra, embora cada artigo possua interesse e relevância historiográfica próprios.

No capítulo sobre Alemanha, Áustria e Suíça, conhecemos através de Ernst Theodor Mohl a “ignorância deliberada” que se abateu sobre as obras de Marx na Alemanha Oriental e o “êxodo da *intelligentsia* ‘burguesa’” (MOHL, 2026, p. 149) na Alemanha Ocidental enquanto fatores sistêmicos que dificultaram sobremaneira a difusão de um texto complexo como os *Grundrisse* nos países de língua germânica. Essa barreira apenas começou a ser quebrada com o incontornável *Gênese e estrutura de O capital de Marx*, de Roman Rosdolsky, publicado originalmente em alemão em 1968.

Na Rússia (à época, parte da URSS), primeiro local de lançamento da obra completa, Lyudmila L. Vasina nos rememora o adiamento da publicação do Tomo II da obra em razão da invasão de Hitler à União Soviética, em 22 de junho de 1941, contexto que também ilustra por que essa primeira publicação dos *Grundrisse* teve praticamente nenhuma repercussão. Descobrimos também o quão decisiva foi a tacanha posição pessoal de Stálin para o atraso na publicação dos *Grundrisse*, já que o ditador russo “acreditava que três volumes de *O capital* eram suficientes para as massas compreenderem as ideias de Marx” e “os ‘manuscritos preliminares’ eram de menor importância, porque não refletiam suas posições e seus pontos de vista maduros” (VASINA, 2026, p. 175). Em verdade, mesmo após a morte de Stálin os primeiros trabalhos sobre os *Grundrisse* ainda continuaram em suspenso, e só começaram a ser publicados em meados de 1960, “quando a influência da opinião de Stálin sobre o estudo dos *Grundrisse* deixou de ser um obstáculo” (VASINA, 2026, p. 176).

Por Hiroshi Uchida descobrimos o momento nipônico na Odisseia dos *Grundrisse*, primeiro país do mundo a traduzi-lo integralmente, onde desempenhou papel verdadeiramente decisivo sobre a tradição marxista nacional: o manuscrito enterrou “interpretações deterministas da teoria de Marx e abriu múltiplas possibilidades para seu desenvolvimento ulterior” (UCHIDA, 2026, p. 189), o que se comprova pela gama rica de trabalhos da lavra de estudiosos japoneses referida pelo autor, que também foi um grande adepto da tese, com a qual decididamente não convergimos, mas que mostra a tentativa de ir muito além dos esquematismos da oficialidade stalinista, segundo a qual haveria uma homologia importante entre os *Grundrisse* e a *Lógica* hegeliana (UCHIDA, 2026, pp. 195-6).

A história francesa de apropriação dos *Grundrisse* nos é contada por André Tosel, que ressalta a relação problemática de Louis Althusser, talvez o mais influente marxista francês, com os *Grundrisse*. Ao passo que este autor considera a Introdução dos *Grundrisse* como “texto-chave” e “escrito filosófico e epistemológico essencial de

Marx” (TOSEL, 2026, p. 206) na obra *Pour Marx*, chama a atenção o fato de jamais ter estudado os *Grundrisse* como um todo, sem jamais sequer citar outra parte além da Introdução, o que também alude ao generalizado modo, um tanto manipulatório, com que marxistas de todos os países não raro se apropriaram da obra marxiana, enfocando apenas obras (ou, neste caso, *parte* de obras) que melhor convinham à tese que pretendiam sustentar e, indiretamente, aos problemas práticos que tinham de enfrentar.

Na Itália, sob o guia de Mario Tronti, o leitor relembrará a expressiva repercussão gerada pelos *Grundrisse* neste país, sobretudo porque o assim chamado “estilo dos *Grundrisse* – rico em intuições e sugestões, em maneiras de colocar problemas sem soluções ou análises sem conclusões explícitas – tinha um vigor polêmico ilimitado e uma liberdade de escrita que era muito apreciada pelo novo marxismo herético dos anos 1960” (TRONTI, 2026, p. 221). Eis uma das grandes razões da forte apropriação dos *Grundrisse* pelo *operaísmo* italiano, cuja maior figura teórica encontra-se em Antônio Negri, autor da famosa obra *Marx além de Marx* (2016), na qual o autor não apenas contrapõe as duas obras, mas sustenta a polêmica tese do caráter mais avançado dos manuscritos de 1857-58 em relação a *O capital*.

O capítulo destinado à análise dos países hispanófonos (Cuba, Argentina, Espanha e México), de autoria de P. Ribas e R. Plá Leon, demonstra o mesmo sentido geral de uma apropriação dos *Grundrisse* que vem a reboque de uma forte rejeição ao dogmatismo e ao esquematismo stalinistas, e, nesse sentido, representam um decidido avanço, mas, por outro lado, ainda visavam a uma transposição mais ou menos imediata, e portanto problemática, do aparato categorial dos *Grundrisse* para o “movimento de libertação latino-americano”, sobretudo na figura de seu principal representante, o argentino Enrique Dussel.

O caso da Tchecoslováquia, tratado por Stanislav Hubík, também é digno de menção específica já que em certa medida sintetiza as agruras fundamentais da apropriação dos *Grundrisse* pelos países do Leste Europeu. Em rechaço das já exaustivamente referidas amarras stalinistas, com suas “rígidas contraposições entre marxismo ortodoxo e revisionismo” (HUBÍK, 2026, p. 234), os *Grundrisse* e os *Manuscritos econômico-filosóficos* foram referenciais teóricos particularmente decisivos neste país. É esse contexto que explica o surgimento de duas obras significativas para o marxismo, nos anos de 1962 e 1963, respectivamente, a *Lógica de O capital de Marx*, de J. Zelený, e a *Dialética do concreto*, de K. Kosík. Ao passo que consistem em obras refinadíssimas, ilustram também aquelas agruras na medida em que o rechaço ao esquematismo stalinista recai também sobre obras de Marx que já tinham uma

interpretação oficial pelo *Diamat*, de modo que os avanços de autores inteligentes desta época normalmente vieram a partir do diálogo (ainda que crítico) da obra de Marx com outros filósofos, neste caso, sobretudo Hegel, mas também Heidegger, no caso de Kosík. O problema deste procedimento, nada obstante seus avanços e méritos, é a não rara perda da particularidade da obra marxiana, em seus próprios pressupostos.

O capítulo sobre Brasil e Portugal, da autoria de Ana Clara Passos Presciliano, faz uma análise cuidadosa da trajetória da recepção da obra nestes países, ressaltando o longo período de apropriação da obra mediada por traduções em outros idiomas, dentre as quais se destacou a edição em espanhol da editora Siglo XXI, lançada na Argentina e de grande difusão no Brasil. Durante mais de meio século após a republicação dos *Grundrisse* em 1953, tudo que se tinha em língua portuguesa eram traduções de partes da obra, como a “Introdução”, traduzida em 1946 por Florestan Fernandes, ou as “Formações econômicas pré-capitalistas”, traduzidas em 1975 por José Maia, embora nenhuma das duas tenha sido vertida diretamente do alemão. De fato, se é verdade a afirmação da autora de que os *Grundrisse* “foram apropriados em diferentes momentos como ferramenta teórica para interpretar a realidade brasileira, alimentar a crítica ao capitalismo dependente e orientar estratégias políticas” (PRESCILIANO, 2026, p. 297), é também verdade que o fato de a primeira tradução integral para o português tenha ocorrido apenas em 2011 (pela Editora Boitempo, com tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider), a *última* tradução integral da obra dentre as 21 já realizadas mundo afora, é também um sintoma da miséria brasileira (CHASIN, 2000) em seu desenvolvimento hiper-tardio. Ao mesmo tempo, há que se recordar a advertência marxiana no prefácio à primeira edição d’*O capital* (1867): “Uma nação pode e deve aprender com as outras” (MARX, 2013, p. 79). Deve-se, portanto, retirar também dessa apropriação hipertardia o que ela tem de melhor a oferecer: escapar à ânsia infantil de querer reinventar a roda, aprender com as conquistas teóricas de outras nações, mas também com os seus erros.

A coletânea finda com um epílogo de Marcello Musto – “Como Marx escreveu *O capital* e por que a obra permaneceu acabada” – em sintética análise do itinerário marxiano da crítica da economia política após a redação dos *Grundrisse* até sua morte. Ressaltará ao leitor o esforço febril empreendido por Marx nas décadas que sucederam o manuscrito de 1857-58 para levar a cabo o plano de redação de sua crítica, bem como o fato de que tal planejamento foi sendo modificado ao longo dos anos, até chegar ao plano final d’*O capital*, em quatro Livros (DEUS, 2015). Chamará também a atenção do leitor o fato de que até seus últimos esforços vitais Marx retomou seus

manuscritos d'O *capital* com a pretensão de finalizar sua obra, particularmente o Livro II, aquele cuja forma final parece ter-lhe apresentado as maiores dificuldades – até onde conseguiu ir.

Pode-se dizer que na primeira Odisseia dos *Grundrisse*, isto é, na história da luta para que a obra enfim fosse publicada e debatida pela tradição marxista sobrevivente, ricamente apresentada pela coletânea, constatamos – e isso é significativo – que foi quase universal entre os intérpretes de primeira viagem do manuscrito o recurso (e não raro a tonificação) àqueles momentos que mais diretamente serviram ao objetivo imediato de contrapor-se à ortodoxia esquemática da ditadura stalinista e de seus braços nos Partidos Comunistas nacionais mundo afora. A um marxismo que resfolegava a duras penas carecia rasgar a camisa de força que o sufocava, e as interpretações ditas “heterodoxas” ensejadas pelos *Grundrisse* foram o caminho tomado para isso. Hoje, a camisa de força stalinista (ou “marxista-leninista”, para os que se envergonham demais para anunciar seu verdadeiro nome), onde ainda subsista como cadáver insepulto, já não tem a mesma força determinativa de outrora, e, ainda que existam outras tantas condicionantes à atividade teórica de rigor, tem-se terreno social mais fértil para uma apropriação menos desesperada e imediatista da obra marxiana como um todo, e dos *Grundrisse* em particular.

Nesse sentido, uma possível e talvez necessária *nova Odisseia* dos *Grundrisse* exige, hoje, não a *imputação* de um sentido que forneça respostas para questões imediatas do presente, ou o *recorte* de pedaços da obra mais ou menos favoráveis a certa tese ou questão prática imediata, procedimentos que, mesmo que historicamente compreensíveis pelo contexto de extremos em que os manuscritos foram inicialmente conhecidos, ainda carrega certo caráter manipulatório. Este caminho, *há que reconhecer sem meias palavras*, não nos trouxe muito longe. E, no entanto, não há sentido nem tempo para lamuriar o passado. Caminho mais profícuo, conquanto reconhecidamente mais árduo, afigura-se no esforço de apropriação desta obra seminal em seu sentido *objetivo*, imanente, com todas as suas potencialidades e limites, acertos e equívocos, dentro da totalidade do itinerário teórico marxiano. E no reconhecimento de que apenas essa totalidade poderá nos servir não como *fórmula* a ser *aplicada* ao nosso tempo, procedimento absolutamente estranho à natureza ontológica (CHASIN, 2009) do pensamento marxiano (e, assim, também de qualquer marxista *consequente* com este pensamento), mas como ponto de partida para que possamos, de posse de tal cabedal teórico substancioso, debruçarmo-nos coletiva, cooperativa e internacionalmente à apropriação teórica das formas de ser do tempo presente. Carente desta apropriação, falar em revolução continuará sendo mera

fraseologia típica de um socialismo vulgar. A obra aqui resenhada, com muitos méritos, aponta com vigor para a necessidade de tal renovação radical da teoria marxista.

Referências bibliográficas

- ALVES, Antônio José Lopes. **Marx e a analítica do capital: uma teoria das *Daseinsformen***. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.
- CHASIN, J. **A miséria brasileira 1964-1994**. Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.
- CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DEUS, Leonardo Gomes de. **Reconstrução categorial de *O capital* à luz de seus esboços: a instauração da crítica da economia política (1857, 1863)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010.
- DEUS, Leonardo Gomes de. As origens do pensamento marxiano (I): crítica da economia política como crítica da especulação. *Verinotio*, Rio das Ostras, pp. 40-59, 2012.
- DEUS, Leonardo Gomes de. Marx em tempos de Mega: os planos e o plano de *O capital*. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 45, n. 4, pp. 927-54, out./dez. 2015.
- HOBBSAWM, Eric. “Prefácio”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- HUBÍK, Stanislav. “Tchecoslováquia”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- MICHAEL, Krätke. “Marx e a redação dos *Cadernos* da crise de 1857-58”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Belo Horizonte: Autêntica, 2026b.
- MICHAEL, Krätke. “Marx jornalista da primeira crise econômica mundial”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Belo Horizonte: Autêntica, 2026a.
- MOHL, Ernst Theodor. “Alemanha, Áustria e Suíça”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- LUKÁCS, György. **Essenciais são os livros não escritos**. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MARX, Karl. ***O capital*: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MARX, Karl. **A forma mercadoria: escritos sobre a teoria do valor**. São Paulo: Lavra Palavra, 2021.
- MUSETTI, Felipe Ramos. **Marx contra o capital e o estado: crítica radical e práxis metapolítica**. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2022.
- MUSTO, Marcello. **O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MUSTO, Marcello. **Repensar Marx e os marxismos: guia para novas leituras**. Trad. Diego Silveira *et al.* São Paulo: Boitempo, 2022.
- MUSTO, Marcello. **Karl Marx: biografia intelectual e política (1857-1883)**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.
- MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de *O capital de Marx*: história da gênese e da recepção dos *Grundrisse***. Trad. Ana Clara Presciliano, Eleutério Prado, Marisa Amaral e Pedro Gava. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.

- NEGRI, Antonio. **Marx além de Marx: ciência da crise e da subversão**. Trad. Bruno Cava. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- PRESCILIANO, Ana Clara Passos. “Brasil e Portugal”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- RIBAS, Pedro; LEON, Rafael Plá. “Cuba, Argentina, Espanha e México”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- SARTORI, Vitor Bartoletti. Hegel, *O capital* e a concretude invertida das relações sociais: Marx diante da especulação determinada pelo sistema capitalista. *Sapere aude*, Belo Horizonte, n. 32, v. 16, pp. 677-97, jul./dez. 2025.
- TOSEL, André. “França”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- TRONTI, Mario. “Itália”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- UCHIDA, Hiroshi. “Japão”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.
- VASINA, Lyudmila L. “Rússia e União Soviética”. In: MUSTO, Marcello (Org.). **O primeiro rascunho de O capital de Marx: história da gênese e da recepção dos Grundrisse**. Belo Horizonte: Autêntica, 2026.

Como citar:

MACHADO, Gabriel M. J. P. Resenha: Por uma *nova Odisseia dos Grundrisse*. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 31, n. 1, pp. 514-524; jan.-jun., 2026.